O AGRONEGÓCIO E O INDÍGENA: RELATOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE AS CONTRADIÇÕES DO TRABALHO RURAL DOS GUARANI-KAIOWÁ DA ALDEIA GUAPOY - AMAMBAI-MS

NUNES, Marizudete da Silva[1] (marizudetesilvanunes@gmail.com); **MACIEL, Jeanne Mariel de Brito Moura**[2] (jeannemoura@ufgd.edu.br).

[1] Discente do curso de Licenciatura em Educação do Campo, com habilitação em Ciências Humanas da UFGD, Bolsista PIBIC.
[2] Docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFGD, Docente do programa de pós-graduação em Educação e Territorialidades (PPGET), Orientadora do projeto de PIBIC.

Levando-se em consideração, por um lado, a necessidade de se realizar pesquisas voltadas para se compreender o atual processo de trabalho rural executado pela mão de obra indígena nos canaviais e culturas agrícolas do estado de Mato Grosso do Sul e, por outro lado, a forte presença do agronegócio na região, esse trabalho visa contribuir com as pesquisas na área da sociologia rural que se propõem a analisar a inserção e as contradições dos trabalhadores rurais na indústria do agronegócio, a partir da coleta de relatos entre os próprios indígenas que trabalham nesse contexto. Assim, por meio dessa lacuna contemporânea de pesquisas na área, mas também por eu ser indígena (o que por certo abriu as portas para a pesquisa de campo), foi que essa proposta de trabalho foi demarcada e escolhida. Para empreender a pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: pesquisa qualitativa com coleta de relatos orais de lideranças indígenas e trabalhadores indígenas, captação de dados “oficiais” na comunidade indígena de Amambai e na FUNAI; captação de dados junto ao MPT e associações/órgãos que lidam com os indígenas, e levantamento bibliográfico sobre o tema que aponta para as características e operacionalização do trabalho rural no estado. Os principais achados da pesquisa apontam que: a) em comparação com outras regiões do pais, percebe-se que as relações de trabalho são bastantes precárias, com relatos de uso de muita bebidas alcóolicas e violência nos canaviais; b) baixa segurança no trabalho e baixa remuneração; c) abandono dos indígenas em idade escolar para poder trabalhar e ganhar dinheiro com o corte de cana; ganho de dinheiro por meio do cálculo do metro; d) alto índice de adoecimento em decorrência dos movimentos repetidos; e) atualmente, no estado, predominam duas formas de trabalho na cana: no corte (corte de muda na cana verde, além da atividade de carpi a cana) e no plantio. Sobre o plantio, destaca-se que: no plantio tem duas equipes trabalhando, uma equipe fica em cima do caminhão para jogar cana no suco, que é um buraco cavado pelo trator - esse trator é específico para isso -, e a outra equipe fica andando no chão para colocar os restos de cana que caíram fora do buraco; f) No canavial os indígenas trabalham em torno de 12 horas por dia, somente com pausa na hora do almoço, e, por fim, g) constatou-se que aliado ao trabalho mecanizado, há uma forte presença do trabalho manual, inclusive com a prática da queima da cana – extinto em boa parte da região Sudeste do País.

Palavras-chave: conflito agrário, trabalho rural indígena, Amambai.

Agradecimentos: Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a UFGD pela concessão de bolsa de iniciação científica ao primeiro autor. E ao programa de Bolsa Pesquisador Ingressante (UFGD) ao segundo autor.